

**UFF-UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**

**IARA DA ROCHA FREITAS**

**A MULHER SEGUNDO BEAUVOIR**

**PROBLEMA DA CONSTRUÇÃO DO GÊNERO FEMININO**

**NITERÓI**

**2018**

IARA DA ROCHA FREITAS

A MULHER SEGUNDO BEAUVOIR  
PROBLEMA DA CONSTRUÇÃO DO GÊNERO FEMININO

Trabalho apresentado à Universidade Federal  
Fluminense-UFF como sendo requisito para a  
conclusão do curso de Filosofia e a obtenção  
dos títulos de bacharel e licenciatura.

Prof. orientador : Doutor Fernando José  
Fagundes Ribeiro

NITERÓI

2018

## Ficha catalográfica automática - SDC/BCG

F862m Freitas, Iara da Rocha  
A MULHER SEGUNDO BEAUVOIR PROBLEMA DA CONSTRUÇÃO DO GÊNERO  
FEMININO / Iara da Rocha Freitas ; Fernando José Fagundes  
Ribeiro, orientador. Niterói, 2018.  
36 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia  
(Bacharelado/Licenciatura))-Universidade Federal Fluminense,  
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Niterói, 2018.

1. Existencialismo. 2. Feminismo. 3. Produção intelectual.  
I. Título II. Ribeiro, Fernando José Fagundes, orientador.  
III. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências  
Humanas e Filosofia. Departamento de Filosofia.

CDD -

IARA DA ROCHA FREITAS

A MULHER SEGUNDO BEAUVOIR

O PROBLEMA DA CONSTRUÇÃO DO GÊNERO FEMININO

Trabalho apresentado à Universidade Federal Fluminense-UFF como sendo requisito para a conclusão do curso de Filosofia e a obtenção dos títulos de bacharel e licenciatura.

Prof. orientador : Doutor Fernando José Fagundes Ribeiro

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.º Doutor Fernando J. Fagundes Ribeiro - UFF

(orientador)

---

Prof.º - Antonio Serra - UFF

---

Prof.º - Paulo Faitanin - UFF

Data de apresentação:17/07/2018

## AGRADECIMENTO

Há um profundo sentimento de gratidão dentro de mim. Acredito que o universo está em harmonia com a minha existência ao vivenciar as melhores experiências que uma pessoa pode ter. E por isso sou grata ao universo pela minha existência.

Agradeço infinitamente à pessoa mais guerreira que já tive o prazer de conhecer, aquela que me deu a vida (a minha e a dela) para que eu pudesse estar aqui, aquela que não mediu esforços em me dar o necessário para uma existência digna, que me ensina muitas coisas diariamente, seja pela palavra proferida, seja por suas ações. E mesmo em face de seus maiores erros, conseguiu ao fim acertar muitas coisas. A ela devo tudo, por ela posso conquistar tudo. E principalmente é por causa dela, em tantos aspectos, que escrevo este trabalho. A minha amada mãe Célia Regina que me emociona toda vez que penso nela, em seus sofrimentos e em suas alegrias.

Agradeço a minha grande família composta por tantos irmãos, irmãs, sobrinhos, pai, tio e tias. Em especial aos meus seis irmãos Valéria, Alba, Leonardo, Letícia, Cristtiane e A. Victor, que são os meus melhores amigos, que me inspiram confiança e que não importa o que aconteça estarão sempre comigo.

Sou grata por todos os encontros que tive na vida, em especial ao meu amado Filipe M. M. e ao meu compadre Zander L. G. que me acolhem, me ensinam, me inspiram desde 2012 e foram meus companheiros e meu apoio nesta jornada. Agradeço a todos os encontros que me foram necessários para que eu pudesse moldar a minha essência e com eles aprendi um tanto e acredito que ensinei também.

Em especial agradeço ao meu amigo Fernando. O homem que me ensina diariamente sobre a filosofia e sobre a luta por uma sociedade justa. O homem que me ensina valores, cultura, arte e música. Que me pergunta o porquê eu sorrio, sem saber que ele é o motivo. Que me leva a lugares onde jamais estive. O homem que me ensina sobre o mundo, sobre a vida.

Por fim, mas não menos importante, a todas as mulheres que lutaram com suas vidas por nossos direitos e me possibilitaram ocupar este espaço hoje.

*“Que nada nos defina. Que nada nos sujeite. Que a liberdade seja a nossa própria substância.”*

*(Simone de Beauvoir)*

## RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise sobre o livro “O Segundo Sexo” da filósofa Simone de Beauvoir, livro que apresenta o problema da construção do gênero feminino na sociedade.

Num primeiro momento explicar-se á o que é o existencialismo para entender melhor sobre o trabalho; o que é a moral existencialista; e a mulher como o outro para Simone de Beauvoir. Deu-se ênfase na mostra do que é a mulher sobre os três pontos de vistas, a saber: os pontos de vista biológicos; psicológicos e do materialismo histórico e para então entender sobre o porquê se torna mulher.

**Palavras-chave:** Beauvoir. Sujeito. Existencialismo. Feminismo. Gênero. Devir.

## ABSTRACT

This work presents an analysis of the book "The Second Sex" of the philosopher Simone de Beauvoir, a book that presents the problem of the construction of the feminine gender in society.

First of all, it explains what is existentialism to understand the work; what is existentialist morality; and the woman as the other for Simone de Beauvoir. Put emphasis on the show of what the woman is about the three points of view, namely: the biological points of view; psychological and historical materialism and then to understand why she becomes a woman.

**Keywords:** Beauvoir. Subject. Existencialism. Feminism. Gender



## SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO.....	9
2-EXISTENCIALISMO.....	15
2.1-A MORAL EXISTENCIALISTA.....	16
2.2-A MULHER COMO O OUTRO.....	17
3-A MULHER SOB TRÊS PONTOS DE VISTAS.....	19
3.1-BIOLOGICAMENTE.....	19
3.2-PSICANALITICO.....	23
3.3-O MATERIALISMO HISTÓRICO.....	26
4-TORNAR-SE MULHER.....	29
5-CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
6-REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	35

## INTRODUÇÃO

Este presente trabalho tem como objetivo analisar a formação da mulher através de sua subjetividade e estabelecer uma antropogênese da mulher através da intersubjetividade. Nele se discorre sobre os livros *O Segundo Sexo-Fatos e Mitos* e *O Segundo Sexo-A experiência vivida*, ambos da filósofa francesa Simone de Beauvoir.

Simone de Beauvoir foi uma filósofa francesa existencialista do século XX. Estudou matemática na *Université Catholique de Paris*, literatura e línguas no *Sainte-Marie de Neuilly* e filosofia na Universidade de Paris (Sorbonne). Em 1929, aos 21 anos, é a mais jovem pessoa a ser aprovada na *Agrégation* e a nona mulher a obter esse grau. No exame final ficou em primeiro lugar, mas os juízes concedem a Sartre, que fazia o exame pela segunda vez, a primeira colocação, rebaixando-a para o segundo. Em 1971, como uma ativista política, assinou o Manifesto das 343, uma lista cujas assinantes alegavam ter feito aborto. Como uma das consequências de sua luta, em 1974, o aborto é legalizado na França. Sendo uma feminista militante de grande destaque, contribuiu de forma efetiva para que se entendesse a subjetividade da mulher, e a sua obra *O Segundo Sexo* de dois volumes segue como uma referência fundamental para se pensar a condição do “tornar-se mulher”, segundo a expressão de Beauvoir.

A escolha deste tema se fez necessária para aumentar a produção acadêmica do tema, além de ajudar a levar a ideia para um projeto do qual faço parte num pré-vestibular comunitário. Não mais do que isso é importante para conhecer e divulgar a ideia do sujeito mulher, cujo principal objetivo nessa divulgação é a discussão, a reflexão sobre o tema e a modificação na sociedade sobre a ideia de mulher e sobre os atos para/com as mulheres. É a possibilidade do feminino e a própria cultura lerem-se pelo viés da alteridade, sendo este um assunto de extrema importância para a atualidade da sociedade brasileira que se vê cada vez mais reflexiva sobre questões subjetivas.

Há no mundo desigualdades das mais diversas formas, entre o rico e o pobre, o branco e o negro e entre o homem e a mulher. No entanto a desigualdade que perpassa todas as situações desiguais é a do homem em relação à mulher. Não importa se é rico ou pobre, negro ou branco, cristão ou islâmico, a mulher tem estado em condições inferiores às do homem na sociedade, sejam elas culturais, sociais, políticas e econômicas. A condição de inferioridade

do sexo feminino se encontra na construção do ser mulher. Pois a mulher tem sua essência construída através de fatores sociais e históricos.

Com a ótica existencialista a autora faz uma análise sobre o que é a mulher no livro *O Segundo Sexo*, e a partir dele teremos uma noção sobre a ontologia do sexo feminino. O existencialismo é a corrente filosófica que vem observar a relação entre sujeito e objeto, entre o eu e o outro, entre situação e consciência, entre existência e essência. Ele coloca como base de uma discussão a consciência, a subjetividade. O ser humano está no mundo e na sua relação com o mundo, desta maneira ele vai se formando no mundo.

Com isso, Beauvoir escreve sobre a ontologia da mulher e a sua relação dialética com o homem. Ela demonstra que a mulher tem uma posição de assujeitamento em relação ao outro, que a impede de ir ao encontro de sua liberdade. Mas antes de responder esta pergunta, devemos formular uma nova questão: O que é mulher?

Há um consenso sobre a existência do sexo feminino na espécie humana, contudo nem todos deste sexo podem ser considerados mulher. Portanto qual é a essência ou o elemento necessário para ser uma mulher, uma vez que nascer sob o sexo feminino não lhe confere ser mulher? Pois a função de “fêmea” não basta para defini-la como mulher, uma vez que ter útero não é o suficiente para isso.

Antigamente ser mulher significava fazer parte da feminilidade. Mas de onde vem essa feminilidade? Ela parecia ser um conceito imutável, mas com o passar do tempo deixou de ser e passou a ser uma forma de reagir a uma determinada situação. Tornou-se uma questão subjetiva. Se a feminilidade não é idealismo platônico, nem nominalismo empirista o que é ela então? Por ser algo mutável percebe-se que ela não é a essência de uma mulher. Mas a negação da noção de feminilidade não implica na negação de que haja mulheres.

De fato, na humanidade, há dois tipos de indivíduos na espécie humana que se manifestam culturalmente de formas diferentes: o homem e a mulher. No entanto qualquer definição dada à mulher é dada como limitação. Quando o homem dá para a mulher algum tipo de tratamento, ele o faz da perspectiva subjetiva. Simone narra:

*“Agastou-me, por vezes, no curso de conversações abstratas, ouvir os homens dizerem-se: “Você pensa assim porque é uma mulher”. Mas eu sabia que minha única defesa era responder: “penso-o porquê é verdadeiro”, eliminando assim minha subjetividade. Não se tratava, em*

*hipótese alguma, de replicar: “E você pensa o contrário porque é um homem”, pois está subentendido que o fato de ser um homem não é uma singularidade; um homem está em seu direito sendo homem, é a mulher que está errada.”<sup>1</sup>*

Beauvoir percebe que a relação que o homem entretém com seu corpo e a relação que ele tem com o corpo da mulher são diferentes. O homem encara o corpo de uma forma objetiva numa relação direta com mundo enquanto o corpo da mulher é usado como justificativa para limitar qualquer relação com mundo (?).

A mulher é determinada em relação ao homem. Ela se apresenta como objeto ao homem. Ele é o sujeito enquanto ela é outro. A filósofa percebe que a categoria do outro, da dualidade, da alternância é encontrada na sociedade desde os primórdios. E por isso percebe que a autoridade se apresenta fundamental nas relações da sociedade<sup>2</sup>. A afirmação do sujeito se dá na oposição com outro, ele se afirma medida em que se faz como essencial retornou outro não essencial. Simone afirma que “a alteridade é uma categoria fundamental do pensamento humano. Nenhuma coletividade se define nunca como uma sem colocar imediatamente a outra diante de si.”<sup>3</sup>

Há uma reciprocidade no reconhecimento do um ao outro. Ao se opor ao outro, ocorre que a outra consciência também o reconhece como outro. Portanto há uma reciprocidade no reconhecimento das relações. O outro é definido pelo Um, porém para ser definido enquanto outro é necessário que haja um assujeitamento nesta relação.

Na história da humanidade houve diversas dominações de um grupo sobre o outro. Do branco sobre o negro, dos nazistas contra os judeus. Muitas das vezes essas dominações ocorreram por um grupo ter maior número de pessoas que se reconheciam como Um do que o outro grupo. Mas isso não se aplica ao homem e a mulher pois há tantos homens quanto mulheres na terra. Mas para que houvesse uma dominação houve um acontecimento histórico que a determinou. Para os negros foi escravidão, mas para mulher não há um fato histórico que marque a sua submissão. Nesse sentido as mulheres e o proletariado são parecidos, porque não foi um evento, mas “um desenvolvimento histórico que explica sua existência como classe e mostra a distribuição desses indivíduos dentro dessa classe”.<sup>4</sup> No entanto

---

<sup>1</sup> Beauvoir, 1980, p.9.

<sup>2</sup> Simone de Beauvoir recorre aos estudos de Lévi-Strauss sobre as sociedades primitivas em *Les Structures élémentaires de la Parenté* para chegar a essa ideia.

<sup>3</sup> Beauvoir, 1980, p. 11.

<sup>4</sup> *Idem*, p. 12.

é notável que nem sempre houve proletários, mas sempre houve mulheres tornando a alteridade algo absoluto no que se refere à relação homem-mulher.

Mas basta um evento, uma revolução, o extermínio de um grupo dominado pelo outro para trazer independência a este grupo. No entanto, as mulheres não conseguem pensar numa sociedade sem o homem, “O laço que a une a seus opressores não é comparável a nenhum outro. A divisão dos sexos é um dado biológico e não um momento da história humana.”<sup>5</sup>. Não é possível que haja uma divisão entre o homem e a mulher numa sociedade porque ambos são metades de uma unidade. Ambos são necessários, um depende do outro e a mulher é o outro desta unidade.

Essa relação de dependência poderia ter libertado a mulher de sua submissão ao homem, mas não foi o que ocorreu. Em quase nenhum lugar no mundo as mulheres estão em pé de igualdade com os homens, seja economicamente, politicamente ou socialmente. Os homens estão numa posição de prestígio. Num mundo que pertence aos homens, recusar-se ser o outro é arriscar perder todas as vantagens da união com o homem. Simone diz que “ao lado da pretensão de todo indivíduo de se afirmar como sujeito, que é uma pretensão ética, há também a tentação de fugir de sua liberdade e de constituir-se em coisa.”<sup>6</sup>. Embora seja cortada de sua transcendência, a mulher se torna cúmplice do homem ao encontrar na submissão um caminho fácil para escapar da angústia e da afirmação da existência se comprazendo de seu lugar como Outro.

Mas em qual momento começou essa subordinação da mulher para com o homem? Simone percebe que na história da humanidade os homens fizeram acreditar através da religião, das leis, da filosofia e das ciências que a condição subordinada da mulher era algo necessário tanto para a vida na terra assim como céu.

*“As religiões forjadas pelos homens refletem essa vontade de domínio: buscaram argumentos nas lendas de Eva, de Pandora, puseram a filosofia e a teologia a serviço de seus desígnios, como vimos pelas frases citadas de Aristóteles e Sto. Tomás. Desde a Antiguidade, moralistas e satíricos deleitaram-se com pintar o quadro das fraquezas femininas. Conhecem-se os violentos requisitórios que contra elas se escreveram através de toda a literatura francesa”<sup>7</sup>*

---

<sup>5</sup> Beauvoir, 1980, p.13.

<sup>6</sup> *Idem*, p.15.

<sup>7</sup> Beauvoir, 1980, p.16.

No entanto quando uma mulher está numa posição inferior, ela é de fato inferior, pois “ser é ter se tornado, é ter sido tal qual se manifesta.”. A questão é se esse estado é permanente ou se há formas e quais são de superar o estado de inferioridade. Como se libertar de tal aprisionamento de gênero?

Para isso este trabalho irá usar a moral existencialista para lançar luz às questões que se apresentam. Num primeiro momento começaremos explicando o que é o existencialismo para entender melhor sobre o trabalho (2); o que é a moral existencialista (2.1), e a mulher como o outro (2.2) para Simone de Beauvoir.

Depois explicaremos o que é a mulher sobre três pontos de vistas (3), a saber: os pontos de vista biológico (3.1), psicológico (3.2) e do materialismo histórico (3.3); falaremos sobre o que é tornar-se mulher (4); para então passar para a consideração final (5) do problema existente.

## 2 - O existencialismo

Simone de Beauvoir era uma filósofa existencialista, no entanto do que o existencialismo trata? A grosso modo, o existencialismo coloca a realidade concreta do indivíduo, a sua subjetividade no centro da especulação filosófica, num mundo contingente, sem sentido. São suas ações, suas vivências neste mundo que darão sentido a vida, pois o homem é o único responsável pelas suas ações e em dar significado ao mundo. Ele reafirma a importância da liberdade e individualidade humana. Simone de Beauvoir segue o que Sartre entende como existencialismo

No texto *Existencialismo é Humanismo* Jean-Paul Sartre afirma “que entendemos por existencialismo uma doutrina que torna a vida humana possível e que, por outro lado, declara que toda verdade e toda ação implicam um meio e uma subjetividade humana.”<sup>8</sup>

Sartre escreveu também que “a existência precede a essência”. A existência é a qualidade de tudo o que é real ou existe, ao passo que a essência é constituída pelas propriedades imutáveis de algo, caracterizando sua natureza.

Primeiro o ser existe no mundo e só depois começa a se definir por si mesmo. Entende-se que a *essência* é forjada ao longo da vida pelas escolhas, implicando uma realidade *ambígua* para a *existência*. O ser humano, a partir do seu surgimento no mundo, dá um significado a este mundo, às escolhas que fará, ao seu projeto, a sua verdade. Sua *existência* tem limite, finitude e é este espaço limitado de tempo que será o seu projeto de vida. Ao afirmar sua dualidade de escolhas podemos construir e reconstruir nosso projeto de vida, transformando o fracasso em sucesso para o alcance da liberdade.

*“Mas se verdadeiramente a existência precede a essência, o homem é responsável por aquilo que ele é. Assim, o primeiro passo do existencialismo é colocar todo homem de posse daquilo que ele é e fazer cair sobre ele a responsabilidade total por sua existência.”<sup>9</sup>*

O existencialismo sartreano concebe o ser humano como o responsável de sua própria existência. Não apenas responsável por sua existência, mas por tudo aquilo que ele é e quer ser, pois ele se faz por si mesmo.

---

<sup>8</sup> Sartre, 2017, p. 617

<sup>9</sup> Sartre, 2017, p.620

## 2.1 – A moral existencialista

Foi dito anteriormente que a *essência* é forjada ao longo da vida pelas escolhas, implicando uma realidade *ambígua* para a *existência*, mas o que é a *ambiguidade*?

Para Beauvoir o ser tem diferentes escolhas a seguir e a ausência de um fundamento que o leve a uma ou outra direção é a *ambiguidade*. Mas a *ambiguidade* para Beauvoir é a ambivalência humana como uma consideração moral. A *ambiguidade* consiste em assumir a condição humana sem tentar evitá-la a partir do movimento entre fracasso e êxito. Escolher por essa postura constitui uma atitude autenticamente moral e assim conquistar o principal objetivo humano: a liberdade.

Ter liberdade é redesenhar no fracasso novas possibilidades para conquistar a existência que constantemente falta no próprio ser. Portanto, a ambiguidade está inserida nesse movimento existencial intrínseco no ser da busca da liberdade que ele pode transformar em consciência.

*“Todo sujeito coloca-se concretamente através de projetos como uma transcendência; só alcança sua liberdade pela sua constante superação em vista de outras liberdades; não há outra justificação da existência presente senão sua expansão para um futuro indefinidamente aberto. Cada vez que a transcendência cai na imanência, há degradação da existência em "em si", da liberdade em facticidade; essa queda é uma falha moral, se consentida pelo sujeito”*<sup>10</sup>

É necessária uma moral na qual o homem seja livre, pois os desejos pela moral e pela liberdade implicam ao mesmo tempo uma só decisão. O indivíduo não está preso a um destino determinado, mas cabe a ele escolhê-lo levando em conta a sua ambiguidade inerente. A *moral da ambiguidade* diz respeito a pessoas que existem separadamente embora estejam ligadas entre si, e como suas liberdades singulares têm a possibilidade de forjar leis com validade universal.

O ser humano tem a qualidade de agir livremente, mas ele só é livre ao dar uma significação concreta para sua ação e esta significação seria a liberdade baseada nas leis universais, ou seja, uma liberdade moral.

---

<sup>10</sup> Simone, 1980, p.22-23.



## 2.2-A mulher como o outro

Beauvoir decidiu fazer uma desconstrução identitária de um suposto sujeito feminino porque percebeu e viveu sua desigualdade no mundo, mas a desigualdade não se inscreve no natural, como se dá a sua ocorrência?

Beauvoir entende que a mulher assumiu, ao longo dos tempos, o lugar do Outro, da pura alteridade com valoração negativa, cuja identidade é determinada pelo homem.

*“desde os primeiros tempos do patriarcado, julgaram útil manter a mulher em estado de dependência; seus códigos estabeleceram-se contra ela; e assim foi que ela se constituiu concretamente como Outro. Esta condição servia os interesses dos homens, mas convinha também a suas pretensões ontológicas e morais.”<sup>11</sup>*

Nessa construção a mulher é o não sujeito, é o Outro, o segundo. Para afirmar-se como um é essencial que haja Outro. O sujeito busca o reconhecimento de si em outro sujeito e nessa busca para ser reconhecido ele toma o outro sujeito como objeto. Mas a mulher não é apenas o outro, mas sim o outro desigual. Trata-se de uma desigualdade socialmente construída, uma construção social situada na concretude do corpo feminino.

*“Ser o Segundo não é apenas um efeito de construções externas das quais a mulher pode se libertar como se retirasse uma camada estranha à sua subjetividade. Ser o segundo sexo é a condição de uma subjetividade corporificada. Mas o corpo comporta a ambiguidade de estar ao mesmo tempo sujeito à natureza e à cultura.”<sup>12</sup>*

Ser o Outro não é uma condição determinada pela natureza. É a cultura que define a experiência da mulher desse modo. Ela é o objeto definido pelo e para o homem, sem consciência da liberdade de suas próprias escolhas.

---

<sup>11</sup> Beauvoir, 1980, p.179

<sup>12</sup> Cyfer, 2015, p.68.

*“Todo indivíduo que se preocupa em justificar sua existência, sente-a como uma necessidade indefinida de se transcender. Ora, o que define de maneira singular a situação da mulher é que, sendo, como todo ser humano, uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição do Outro. Pretende-se torná-la objeto, votá-la à imanência, porquanto sua transcendência será perpetuamente transcendida por outra consciência essencial e soberana.”*<sup>13</sup>

Ao tentar se transcender, a mulher cai num estado de imanência ao se sujeitar ao outro (homem) como o outro dele. Para ser reconhecida, ela “aceita” ser um objeto e se desfaz da reciprocidade que deveria existir nas relações.

Santos afirma que “não são as determinações corpóreas ou psicológicas que configuram a mulher com base na alteridade, que a constituem como o *outro* do paradigma eleito como próprio.”<sup>14</sup> É a noção de desigualdade social que torna inviável a reciprocidade entre os gêneros. E para entender melhor essa desigualdade falaremos no próximo capítulo sobre como a mulher é reconhecida na sociedade por 3 pontos de vista.

---

<sup>13</sup> Simone, 1980, p.23

<sup>14</sup> Santos, 2010, p.9

### 3 – O segundo sexo de três pontos de vistas

Neste capítulo, iremos observar os aspectos da mulher sob os pontos de vista biológico, psicológico e do materialismo histórico que a sociedade lhe reservou. Beauvoir recorre a eles como instrumento para entender melhor o que a mulher é e os problemas que surgem a partir deles.

#### 3.1 – Biologicamente

A biologia é a ciência que estuda a vida e os organismos vivos. Iremos fazer uso desta ciência para pensar a mulher e fazer a distinção entre ela e o homem. Biologicamente, a mulher é a fêmea do homem. A diferença entre o macho e a fêmea, dentro da espécie, está na reprodução. Ela é submetida à espécie, por gerar o filhote e tem um domínio sobre o mundo menor do que o homem. Porém Beauvoir demonstra que os dados biológicos não influenciam o conceito de mulher.

Todo corpo biológico tem um gênero submetido às regras sociais. O corpo biológico da fêmea se torna mulher a partir da cultura e não de regras naturais. A diferença sexual funciona como uma estrutura de hierarquia nas relações sociais.

A palavra fêmea não basta para definir a mulher. Esta palavra tem uma conotação pejorativa porque a delimita em seu sexo. Enquanto ser fêmea soa como um insulto ser Macho soa como um elogio, como orgulho de sua animalidade. Mas o que de fato representa a mulher do reino animal? Podemos definir aqui que macho e fêmea se diferenciam na forma de reprodução. Embora na natureza no que tange ao seccionamento das espécies isto não é universalmente realizado, pois há diversas formas de reproduções. Beauvoir observa que:

*“Tudo que se pode afirmar com certeza é que esses dois modos de reprodução coexistem na natureza, que realizar um e outro, a perpetuação das espécies e que se apresenta como accidental. A separação dos indivíduos em macho e fêmea surge, pois, como fato irreduzível e contingente.”<sup>15</sup>.*

Beauvoir percebe que na história da filosofia a divisão dos sexos foi feita sem pretensões de ser explicada. No banquete de Platão a divisão do sexo é tomada como um

---

<sup>15</sup> Beauvoir, 1980, p.27

dado. “Santo Tomás declara que a mulher é um ser ocasional.” Enquanto Hegel tenta fundamentá-la logicamente. Ela compreende que “é exercendo atividade sexual que os homens definem sexos e suas relações, como criou o sentido e o valor de todas as funções que cumprem: mas ela não está necessariamente implicada na natureza do ser humano.”<sup>16</sup>.

Através da atividade sexual se tem a reprodução, e ela é ontologicamente fundada pelo movimento de sua vida temporal criadora da infinidade do passado e do futuro, tornando a perpetuação da espécie uma limitação individual. Porém a perpetuação da espécie não pode ser encarada como o que faz a diferença sexual. Durante muito tempo pensou-se que o homem era o único criador e a mulher apenas carregava e alimentava o filho. E mesmo depois que se reconhece o óvulo como princípio ativo, ainda há uma tentativa de opor suas características com as características do espermatozoide. Mas o que é certo é que os organismos do ser humano, tanto masculinos quanto femininos, trabalham juntos com a finalidade de reprodução definidos pelos gametas que produzem, são dois tipos complementares.

Tanto o espermatozoide enquanto o óvulo transmitem os caracteres hereditários igualmente. Logo não é uma passividade da fêmea e sim uma igualdade, pois “ambos sacrificam sua individualidade, absorvendo o ovo a totalidade de sua substância.”<sup>17</sup>. Mas há diferença secundárias entre o óvulo e o espermatozoide. O óvulo mede 13 mm de diâmetro, Enquanto 60.000 espermatozoides cabem no milímetro cúbico do esperma. Espermatozoide é um elemento móvel ao passo que o gameta feminino é um elemento fixo. O óvulo é passivo no momento da fecundação, pois é o espermatozoide quem vai ao seu encontro e se desfaz de sua estrutura. Segundo a filósofa “todo fato vivo indica uma transcendência, que em toda função se encaixa um projeto”<sup>18</sup>.

Embora pense que o óvulo seja imanência espermatozoide a transcendência eu espermatozoide que renuncia a sua transcendência para se unir ao feminino. Mas após união suas individualidades desaparecem fundindo-se e transformando-se num novo elemento: o embrião. Ao criar juntos um novo elemento, ambos se perdem e se superam, embora esse devir não se realize da mesma forma.

Ao longo da história pensou se que a mulher era uma extensão do óvulo e o homem do espermatozoide, Porém se biologicamente não é possível pensar no conceito de mulher no

---

<sup>16</sup> Beauvoir, 1980, p.28.

<sup>17</sup> Beauvoir, 1980, p.32.

<sup>18</sup> *Idem*, p.31.

óvulo, pois esta noção não está contida nele. Mas podemos pensar no conceito de fêmea do ponto de vista funcional.

Entre os mamíferos o organismo da fêmea adapta-se a maternidade, Enquanto o macho é quem decide sobre o coito. O macho coloca-se sobre a fêmea com seu Órgão reprodutor como instrumento realizando-se como atividade, enquanto O órgão feminino é o receptáculo.

*“Assim, embora desempenhando na procriação um papel fundamentalmente ativo, ela sofre o coito que aliena de si mesmo pela penetração e pela fecundação interna; embora ela sinta necessidade sexual como uma necessidade individual, posto que no seio acontece que procurar um macho, aventura sexual é entretanto vivida por ela, no imediato, como uma história interior e não com uma relação com mundo e com outrem.”<sup>19</sup>*

O homem se separa de seu um gameta enquanto a mulher mantém o seu e se aliena com feto em seu ventre. Durante a gravidez ela é a mesma e outra. Ao se separar corporalmente no nascimento dos filhos a fêmea se une ainda mais a eles, deixando sua individualidade de lado. Enquanto o macho em sua atividade do coito de dominação sobre fêmea contribui para afirmar sua individualidade. A autora diz que

*“O macho tem uma vida sexual que normalmente integrada em sua existência individual: no desejo e no coito, sua superação da espécie confunde-se com momento subjetivo de sua transcendência: ele é seu corpo.”<sup>20</sup>*

O macho é o elemento subjetivo ao se afirmar na atividade. A fêmea permanece presa e alienada pelo interesse da espécie e isso consome sua vida individual, enquanto macho vive sua vida individual. O coito e a produção dos gametas não o cansam na medida em que a fêmea tem um trabalho exaustivo no processo de produção de gametas e de desenvolvimento do feto.

O processo de fertilidade da mulher lhe confere um abalo sobre todo o organismo. São excretados hormônios que reagem sobre todo o seu sistema nervoso central, assim como modificam seu corpo em pequena escala e instabilizam seu humor e suas emoções. Uma vez que ocorre a gestação seu corpo se modifica em grande escala. Para Beauvoir a gravidez não

---

<sup>19</sup> Beauvoir, 1980, p.42.

<sup>20</sup> Beauvoir, 1980, p.46.

traz nenhum benefício individual fisiológico à mulher e sim sacrifícios. A mulher sofre com vômitos, incontinência urinária, a perda de elementos essenciais para o bom funcionamento do corpo como ferro, cálcio e etc., o ganho de peso e dores pelo corpo, além do parto ser extremamente doloroso e que pode lhe custar a vida. Percebe-se assim que há um conflito no que diz respeito à espécie-indivíduo, pois o corpo não consegue satisfazer os dois ao mesmo tempo. Sacrifica-se o corpo para manter a espécie. Ao sacrificar o corpo sacrifica-se a individualidade da mulher como uma extensão da atividade corpórea.

A mulher passa por outro fenômeno físico que causa transtorno ao corpo: a menopausa. Ela é a perda da fertilidade e seria a libertação da servidão da fêmea. Beauvoir entende que “as diferenciações propriamente sexuais superpõem-se na mulher singularidades que são, mais ou menos, consequências diretas delas.”<sup>21</sup> Ela quer dizer que os fenômenos hormonais modificam o corpo da mulher e o diferencia em relação ao homem. Seu corpo se torna escravo de sua função reprodutora, enquanto a função reprodutora do homem não lhe causa infortúnios, tampouco elimina a sua individualidade.

Beauvoir usa esses dados biológicos porque ela não separa a consciência do corpo. O corpo permite compreender melhor a mulher, para ela “sendo o corpo o instrumento de nosso domínio do mundo, este se apresenta de modo inteiramente diferente segundo seja apreendido de uma maneira ou de outra.”<sup>22</sup> No entanto estes dados não são o suficiente para defini-la, porque não contempla a explicação do porque a mulher é o segundo sexo, tampouco mantém o seu destino imutável, posto que a mulher é um existente que é na medida em que se torna o que é.

A comparação biológica do macho e da fêmea é feita dentro de uma perspectiva humana, é no seu devir que deve se comparar a mulher e o homem e suas possibilidades. E por ser transcendência não podemos encerrar suas capacidades e seu destino. Quando definimos o corpo a partir da existência por uma perspectiva humana qualquer ideia inferior dada à fêmea, como, por exemplo, a fraqueza só é percebida de acordo com a finalidade das ações do homem. A força física é anulada quando não se quer apreender o mundo. Beauvoir afirma que “é preciso que haja referências existenciais econômicas e morais para que a noção de *fraqueza* possa ser concretamente definida.”<sup>23</sup> Assim qualquer possibilidade individual depende dessas referências sociais. O sujeito toma consciência de si e se realiza na medida em

---

<sup>21</sup> Beauvoir, 1980, p.51.

<sup>22</sup> Beauvoir, 1980, p.52

<sup>23</sup> *Idem*, p.55

que seu corpo é submetido aos valores morais. Contudo não é a fisiologia que cria valores e sim um contexto estruturado de uma sociedade. E é na sociedade que a espécie se realiza.

Os corpos biológicos tem um gênero submetido às regras sociais. O corpo biológico da fêmea se torna mulher a partir da cultura e não de regras naturais. A diferença sexual funciona como uma estrutura de hierarquia nas relações sociais. Sujeitar a mulher à espécie, as questões biológicas é importante. Seu corpo é essencial pra situação que ela ocupa nesse mundo, porém não basta para defini-la. A sua realidade só poderá ser entendida pela consciência através das ações numa sociedade.

### **3.2 – Psicologicamente**

A psicanálise é um campo clínico de investigação teórica da psiqué humana com objetivo de compreender e analisar o ser. Iremos usar O ponto de vista psicanalítico para pensar a mulher. A Psicanálise considera que tudo que intervém no psicológico tem um sentido humano. É o corpo vivido pelo sujeito que existe concretamente. Por isso, a mulher se define quando retoma a natureza em sua afetividade.

Beauvoir faz uma crítica a forma como Freud descreveu o destino da mulher. Ela acredita que ele não aprofundou seus estudos sobre o feminino. Freud descreveu o destino da mulher sobre o do homem. Embora admita a evolução da sexualidade da mulher, não a coloca em seu lugar original, não a estuda por si mesma.

Freud desenvolve a libido humana em três fases. As duas primeiras fases, oral e anal, se desenvolve de maneira idêntica nos dois sexos. É na terceira fase, a fase genital, que se diferenciam. O homem tem seu erotismo localizado no pênis, já mulher tem dois sistemas: clitoridiano (na infância) e vaginal (pós-adolescência). Na terceira fase ambos tendem a objetivar sua libido no sexo oposto, mas a mulher tem um processo mais complexo já que tende a passar de uma etapa (clitoridiana) a outra (vaginal).

Freud descreveu que na infância o indivíduo passa por complexos. O complexo do menino chama-se complexo de Édipo ao passo que o da menina chama-se complexo de Elektra. Ambos os complexos tem uma forma simétrica. A criança conecta-se a um objeto: a mãe. O menino quer identificar-se com pai, mas teme fazê-lo e como consequência ser castrado pelo pai. Daí surge o complexo de castração. Na menina o complexo de castração

surge a partir do momento em que ela, identificada com seu pai, percebe a diferença entre os órgãos sexuais próprio e de seu pai e imagina ter sido castrada. Passa a se identificar com a mãe, pois renuncia a sua virilidade, e procura seduzir o pai. Rivaliza com a mãe. O que provoca o complexo é a falta do falo. Tanto no menino quanto na menina o superego se constitui e as tendências incestuosas são recalçadas. O menino se liberta do pai. Na menina o drama sexual é mais complexo. Ela pode reagir ao complexo de castração ao recusar sua feminilidade e continuar sua identificação com o pai, mantendo sua libido no primeiro estágio.<sup>24</sup>

Beauvoir critica o fato de Freud basear essa ideia sobre o masculino. Ele acredita que a mulher se sente um homem mutilado, que inveja o falo, o que implica numa comparação e valorização com o homem. Para a filósofa a noção de complexo de Elektra é vaga, a partir do momento que não é descrita pela libido feminina. Ela acredita que o sistema é insuficiente porque baseia o desenvolvimento da vida humana apenas na sexualidade, onde todas as ações são provocadas por um desejo. Embora não negue que a sexualidade tem um papel importante na vida humana.

Como se pode observar no livro de Beauvoir, ela usa como exemplo um psicanalista chamado Adler<sup>25</sup> para demonstrar que embora ele tenha diferenças teóricas com Freud, ainda assim não é possível ter uma explicação suficiente. Posto que tanto ele quanto Freud e os psicanalistas no geral acreditavam que há um jogo de elementos determinados e atribuem à mulher o mesmo destino, o reduzindo no conflito entre os desejos viris e femininos. Beauvoir acredita que as ações do homem não tem sentido e são contingentes, e por isso não há como encerrá-lo num mesmo destino.

Ela percebe que Freud falha ao não explicar as origens dos impulsos e das castrações, ele as toma como um dado. E mesmo Adler percebe que os complexos só podem se explicar num contexto social. No entanto não percebe que a sexualidade comporta valores que são reconhecidos numa sociedade, não reconhece seu fundamento ontológico. Não há como isolar a sexualidade do contexto social.

Como dito anteriormente a sexualidade desempenha um papel importante na vida humana. De acordo com Beauvoir

---

<sup>24</sup> Beauvoir, 1980, p.62

<sup>25</sup> Ver página 65-66.



*“O existente é um corpo sexuado; nas suas relações com os outros existentes que são também corpos sexuados, a sexualidade está, portanto, sempre empenhada; mas, se corpo e sexualidade são expressões concretas da existência, é também a partir desta que se pode descobrir-lhes as significações: sem essa perspectiva, a psicanálise toma, por verdadeiros, fatos inexplicados.”*<sup>26</sup>.

É nas relações dos corpos que a sexualidade se faz presente e é nela que podemos significar, valorar as coisas e apreender o mundo. O ser humano procura pelo ser no mundo e a sexualidade é um de seus meios de busca. Contudo não é o único meio, há outros como as artes, os jogos e etc. e é nessa diversidade que o indivíduo faz suas escolhas. A psicanálise ao ignorar isso e isolar a sexualidade como o princípio de desenvolvimento da vida, ela não consegue explicar seu fundamento ontológico tomando-a como um dado, como algo imanente. E tomar como um dado é negar a liberdade existente na diversidade de escolhas. A verdade da psicanálise só pode ser encontrada se relacionada com o contexto histórico.

De acordo com Beauvoir, da mesma forma que não se pode definir uma mulher como fêmea, não se pode definir a mulher pela consciência de sua feminilidade, pois esta consciência é apreendida na sociedade. Pois “uma vida é uma relação com o mundo; é escolhendo-se através do mundo que o indivíduo se define.”<sup>27</sup>.

Simone faz uma recusa ao método psicanalítico, pois ele restringe a sexualidade a um dado. Embora não rejeite todas as contribuições ela rejeita principalmente a ideia de libido feminina passiva, visto que é contradita pelo fato de ter sido definida pela libido masculina que é definida como ativa. Não se pensa na mulher como um ser que pode escolher entre se afirmar em sua transcendência ou em sua alienação como objeto. Ao contrário, a psicanálise mostra uma mulher que prefere se identificar com o pai ou com a mãe, e isso é “é *alienar-se* em um modelo, é preferir ao movimento espontâneo de sua própria existência uma imagem alheia, é fingir ser.”<sup>28</sup> Fingir ser homem e fingir ser mulher é alienante, o primeiro ela não é a ideia de mulher é uma ideia de outro, que se submete, que se faz objeto. E todas as ações humanas que ela executa como artes, política e filosofia e que são desejados em si, a psicanálise diz que ela imita o homem.

Portanto enquanto a filósofa entende que a psicanálise concebe a mulher como um ser oscilante entre a virilidade e a feminilidade, ao passo que ela concebe a mulher como

---

<sup>26</sup> Beauvoir, 1980, p.66

<sup>27</sup> Beauvoir, 1980, p. 69.

<sup>28</sup> Idem, p. 71

oscilante entre ser o Outro e a busca de sua liberdade. Como um ser em busca de valores que estão no mundo. E para isso o próximo passo que ela dá é o de conhecer a estrutura desse mundo.

### 3.3 - Do materialismo histórico

O materialismo histórico é uma abordagem metodológica ao estudo da sociedade, de economia e da história. Estuda as classes econômicas e a relação entre elas fundamentadas em sua atividade econômica.

Simone de Beauvoir usa o materialismo histórico para demonstrar que embora biologicamente a mulher seja submetida à espécie, eles têm um valor diferente quando se usa a ótica do contexto econômico e social na qual a mulher é submetida. Assim “a consciência que a mulher adquire de si mesma não é definida unicamente pela sexualidade. Ela reflete uma situação que depende da estrutura econômica da sociedade”<sup>29</sup>.

A humanidade é uma realidade histórica na medida em que ela toma a Natureza como objeto na práxis e evolui. Beauvoir refuta a ideia de Engels que a evolução tecnológica da humanidade tanto pode colocar a força física da mulher numa posição de impotência, na medida em que exige a força para se manusear os instrumentos, como pode acabar com a diferença entre o homem e a mulher no que diz respeito à força física, tornando-a igual no campo do trabalho<sup>30</sup>. As sociedades primitivas já tinham a divisão dos sexos e certa igualdade no trabalho: os homens saem para a caça e as mulheres se mantem com as tarefas domésticas produtivas como a agricultura, desenvolvendo um trabalho econômico. As limitações físicas da mulher não eram desvantagens. Segundo Engels com a descoberta de minérios e desenvolvimento de ferramentas o homem expande seus campos, se torna senhor de suas terras, seus escravos e de sua família cuja consequência é o surgimento da propriedade privada.

Na medida em que a propriedade privada surge, o homem se apropria da mulher e mantêm-na enclausurada numa servidão doméstica. Este é primeiro fracasso da mulher. Com o surgimento da família patriarcal a mulher se tornou oprimida pela servidão doméstica. Esta

---

<sup>29</sup> Beauvoir, 1980, p.73.

<sup>30</sup> Essa é uma ideia de F. Engels em seu livro *A origem da Família*. Ideia esta que Beauvoir refuta por não abranger a totalidade da mulher e sua subjetividade na sociedade.

opressão social é consequência da opressão econômica, uma vez que a mulher foi privada de ter propriedades assim como o escravo.

Segundo Beauvoir a ideia de que “a igualdade só poderá se restabelecer quando os dois sexos tiverem direitos juridicamente iguais, mas essa libertação exige toda a entrada do sexo feminino na atividade pública.”<sup>31</sup> não é uma ideia acertada. Num primeiro momento parece que a liberdade estaria atrelada a participação pública, a sua força de trabalho. Participação que se daria numa sociedade socialista, uma vez que o capitalismo limita a participação das mulheres. “E quando a sociedade socialista tiver dominado o mundo inteiro, não haverá mais homens e mulheres, mas tão somente trabalhadores iguais entre si”<sup>32</sup> Para Beauvoir pensar isso seria reduzir o problema da mulher ao de sua participação pública, pois não é possível pensar numa solução fora do materialismo histórico, porque ele só considera o que foi preciso explicar. Mas de onde vem o interesse pela propriedade?

A ideia de propriedade sugere uma vontade de apreender o mundo, é onde o sujeito se afirma em sua singularidade, numa existência autônoma e separada, numa tendência subjetiva. Subjetividade esta que é uma procura de si pelo mundo, tomando os objetos como uma extensão de si. Simone explica que

*“Nessas riquezas que são suas, é ele próprio que o homem reencontra porque nelas se perdeu; compreende-se, então, que possa atribuir-lhes uma importância tão fundamental quanto à sua própria vida. Então o interesse do homem pela sua propriedade torna-se uma relação inteligível.”*<sup>33</sup>

Mas essa ideia não é o suficiente para relacionar a opressão da mulher com a propriedade privada, pois a procura do homem por si não implica numa associação desigual com a mulher na divisão do trabalho. Essa desigualdade é fruto da procura em concretizar a soberania feita pela consciência humana. É a ideia do Outro e o do domínio sobre ele que oprime a mulher. Enquanto o proletariado pode se revoltar contra a o patrão, se tornando uma ameaça e destruindo a divisão de classes, a mulher não pensa em se libertar de sua condição. Engels declara que o socialismo abolirá a família, libertando a mulher.

---

<sup>31</sup> Beauvoir, 1980, p.75.

<sup>32</sup> *Idem*, p.75.

<sup>33</sup> Beauvoir, 1980, p.77

Diferente do escravo, do proletário, a mulher não apenas produz, mas também tem a função reprodutiva essencial na vida comunitária e individual e independente do regime econômico ela pode ser oprimida pelo homem. A gestação não pode ser comparada com um trabalho e exige-se muito mais da mulher numa gravidez do que na produção porque “na maternidade, a mulher não empenha somente tempo e forças, mas ainda valores essenciais”<sup>34</sup>. A mulher é essencial para a perpetuação da humanidade e da sociedade. No entanto não é possível obriga-la a engravidar e por isso a criam situações em que a única saída é a maternidade. Os valores morais a impõem casamento e as leis a proíbem ao aborto. O destino da mulher imposto pela sociedade é o casamento, as mulheres vivem para isso e é pela maternidade que a mulher concretiza seu destino fisiológico. Todo seu corpo é voltado para a reprodução e perpetuação da espécie. Seu destino é ser subordinada ao homem. Segundo de Beauvoir, a mulher não pode ser vista apenas como uma produtora, “ela é para o homem uma parceira sexual, uma reprodutora, um objeto erótico, um Outro através do qual ele se busca a si próprio”.<sup>35</sup>

Beauvoir entende que abolir as classes não é abolir os indivíduos e sua subjetividade. As relações entre o homem e a mulher são diferentes e mesmo que tenha todos os direitos iguais, a mulher ainda tem singularidades que não são abarcadas por eles. Segundo ela “Por baixo dos dramas individuais como da história econômica da humanidade, há uma infraestrutura existencial que permite, somente ela, compreender em sua unidade essa forma singular que é uma vida.”<sup>36</sup>

Podemos chegar à conclusão de que a mudança histórica, embora modifique as relações numa sociedade de classes, não muda propriamente a realidade da divisão dos sexos e principalmente a realidade das mulheres. A participação na vida pública não lhe confere uma garantia de mudança no que tange as relações de gênero. Tem-se como exemplo a própria realidade da mulher e sua participação política no Brasil. Segundo dados do Tribunal Superior Eleitoral mesmo com o direito ao voto e representando a maioria dos eleitores com 51,4% da população votante, apenas 31,60% dos candidatos eram mulheres nas últimas eleições realizadas em 2016. Elas ocupam respectivamente 10% e 14% de vagas na Câmara e no Senado e a falta de representatividade é causada pela falta de incentivo, uma vez que os homens recebem 30% de verbas a mais do que elas, dificultando seu acesso e assim

---

<sup>34</sup> Beauvoir, 1980, p.79.

<sup>35</sup> *Idem.*

<sup>36</sup> *Idem.* P.80

consequentemente a criação de políticas que contemplem a sua subjetividade. Mesmo o acesso à participação política e econômica não lhe confere a libertação de sua condição de outro.

#### 4 – Tornar-se mulher

Pode-se observar que a função biológica não basta para definir o que é ser mulher. Tampouco a psicanálise ou o materialismo histórico de Engels, que sugerem sua libertação são, de fato, pertinentes para se definir a mulher.

*“Ninguém nasce mulher: Torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro.”<sup>37</sup>*

Pode-se perceber aqui o rompimento com a visão determinista biológica mostrando que os valores e comportamentos femininos são construídos socialmente. A definição de mulher é algo que é construído pela humanidade, pois a humanidade é um devir histórico que vai se definindo de acordo com os fatos.

Desde infância a mulher é educada para a subserviência do homem e à família. Dão-lhe bonecas para que aprenda a ser mãe, suas brincadeiras são voltadas para que se aprenda a administrar um lar. Na juventude toda a sua estética é voltada para o agrado do homem e tudo o que se espera é que se almeje um casamento e filhos onde se encerra a sua ação no mundo.

No entanto, esse espaço é um espaço imanente e tanto homem quanto mulher são duas transcendências. Transcendências estas que lutam buscando dominar uma a outra ao invés de se reconhecerem mutuamente.

Mas ser mulher é carregar uma ambiguidade em sua definição. Nesta ambiguidade a mulher quer transcender, quer lançar-se no mundo, mas confinada na imanência que a sociedade a submete desde sua infância, escolhe o caminho junto ao seu opressor.

A mulher se ergue como objeto dotado de subjetividade, assumindo-se como si e como outro. Ao invés de levantar-se contra o homem, ela busca o caminho da passividade para tentar salvar-se e conseguir reivindicar sua transcendência. Entretanto ao escolher esse caminho ela se torna cúmplice do homem, do inimigo. E por isso seu opressor declara que ela quis esse destino.

---

<sup>37</sup> Beauvoir, 1967, p.09

*“Desde a infância e ao longo da vida mimam-na, corrompem-na, designando-lhes como sua vocação essa demissão que tenta todo existente sedento de sua liberdade; se se incita uma criança à preguiça, divertindo-a durante o dia inteiro, sem lhe dar a oportunidade de estudar, sem lhe mostrar a utilidade disso, não se lhe dirá na idade adulta que escolheu ser incapaz e ignorante: assim é que é educada a mulher, sem nunca ensinarem-lhe a necessidade de assumir ela própria sua existência; de bom grado ela se deixa levar a contar com a proteção, o amor, o auxílio, a direção de outrem; deixa-se fascinar pela esperança de poder, sem fazer nada, realizar o seu ser.”*<sup>38</sup>

Nesse processo de opressão em que o homem para fugir de si aliando-se no outro, na mulher, ambos se tornam vítimas recíprocas. Ambos se tornam dependentes um do outro. Mas é a mulher que é privada de sua transcendência. É na mulher que se coloca a culpa por todo o seu drama. É ela que sente a desigualdade de um campo inferior.

*“É preciso que a mulher compreenda que as trocas — é uma lei fundamental da economia política — se regulam segundo o valor que a mercadoria oferecida tem para o comprador e não para o vendedor: enganaram-na, persuadindo-a de que tinha um valor infinito; na verdade ela é para o homem uma distração apenas, um prazer, uma companhia, um bem inessencial; ele é o sentido, a justificação da existência dela; a permuta não se faz, portanto entre objetos da mesma qualidade; essa desigualdade vai marcar-se particularmente no fato de que o tempo que passam juntos — e que parece falaciosamente o mesmo tempo — não tem o mesmo valor para os dois parceiros.”*

Entende-se que é preciso que a mulher reconheça a ambiguidade de suas escolhas e que suas ações sejam de acordo para que sua transcendência seja almejada. É necessário compreender sobretudo a si mesma e todo o processo de tornar-se mulher. Como a existência precede a essência, primeiro se existe no mundo e depois se constrói tudo o que se deseja ser. Para Beauvoir espera-se que a mulher se construa de maneira autônoma, sem ser dominada e reconhecida como o outro inessencial de seu oposto.

---

<sup>38</sup> Beauvoir, 1967, p.490

A mulher deve portanto evitar permitir que o outro exponha nela os seus desejos, pois isso seria uma tentativa de se esquivar de sua própria ambiguidade. Mas “existem situações em que a opressão não deixa espaço para a ação, de modo que não resistir à reificação, não se engajar na luta de vida e morte, não será, para Beauvoir, necessariamente má-fé”<sup>39</sup> pois a opressão aniquila a liberdade, de modo que não fizesse sentido falar em má-fé do oprimido, culpar a mulher por “aceitar” seu destino imposto pelo outro. Pois “O drama da mulher é esse conflito entre a reivindicação fundamental de todo sujeito que se põe sempre como o essencial e as exigências de uma situação que a constitui como inessencial.”<sup>40</sup>.

---

<sup>39</sup> KRUKS apud Cyfer, 2015, p. 66

<sup>40</sup> Beauvoir, 1980, p.23.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou as perspectivas da biologia, da psicanálise e do materialismo histórico sobre a mulher no livro o *Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir. Nele, ela realiza uma ontologia do ser mulher com um fundamento antropológico. Para a filósofa a mulher não é o outro, o segundo sexo, por natureza, mas sim por uma série de fatores sociais e históricos que a puseram nesta posição.

Beauvoir percebeu que há um problema na construção do gênero feminino. O *gênero* seria um processo ambíguo de autoconstrução, presente no verbo *tornar-se*, que abarcaria o ato proposital de se assumir, por meio de atos e habilidades, um estilo corpóreo de significados. O ato de *tornar-se* uma mulher pressupõe um processo de apropriação e reinterpretação advindas de possibilidades culturais para se assumir as características de *gênero*. Há que se submeter a uma *situação* cultural, que dialeticamente incita a participação no ato de criação dessa mesma *situação*.

Ela entende que a mulher é uma construção social. Não há um contexto eterno fixo imutável que defina mulher enquanto inferior, mas sim uma construção social a longo da história pelos contratos entre homem mulher. Seu gênero vai se estruturando na medida em que é lançado num mundo de valores que sofre influências histórico-sociais. A *essência* de sua *existência* é fundada numa sociedade que a subordina a outro. Tornando este o grande fracasso da *existência* da mulher.

Tendo em vista a construção de sua essência, nota-se que a ambiguidade domina a condição da mulher, pois ela precisa fazer escolhas e saber como fazer essas escolhas é lidar com a ambiguidade. A mulher se constitui em sua relação com as situações, com outro e principalmente com aquilo que projeta ser, projeta no sentido que vai se fazendo. A mulher é ambígua, porque ela é objeto e sujeito ao mesmo tempo. Ela é passiva e ativa. A mulher não é uma só, ela é uma relação entre corpo e subjetividade. E ela precisa reconhecer essa situação.

*“O reconhecimento genuíno requer que habitemos a nossa ambiguidade de sujeito e objeto; e nenhum dos aspectos dessa condição é separável do corpo. O corpo está, sem dúvida, associado à vulnerabilidade, ao risco. Mas isso não se deve meramente à fragilidade de sua matéria, e*

*sim ao fato de o corpo ser inseparável da condição de sujeito e, portanto, do risco da ação.”*<sup>41</sup>.

Esta condição é que a mantém numa posição de desigualdade diante do homem. Beauvoir busca colocar a liberdade das mulheres como algo circunstancial, ou seja, as escolhas derivam de circunstâncias em que o indivíduo está inserido, não há uma verdade universal correspondente para todas as épocas ou sociedades. De que forma se daria essa liberdade? Através de quais ações podemos definir isso?

O pensamento de Beauvoir é um realismo dialético que tem como foco as reflexões para se alcançar uma ação de possibilidades. A Ação da mulher é essencial para se tornar de fato sujeito no mundo. A partir da transcendência, como consciência de si, ela precisa lutar pelos espaços negados pela sociedade. Ela deve lutar pelo direito de escolha perante o mundo, pois só escolhendo a mulher será livre.

*“Entende ser necessário mudar o mundo, reeducá-lo, buscando novas vias de ação diante de suas arbitrariedades. De sua crença racionalista e mesmo idealista, ela passa a uma visão realista em bases existencialistas, na qual o ser humano deveria criar a sua própria história, seja ela qual fosse.”*<sup>42</sup>.

A mulher precisa transcender enquanto sujeito no mundo, transformar essa exclusão feita pelos homens para o feminino não ter possibilidade de tornar-se sujeito. A situação limita as possibilidades, mas é possível uma transcendência por parte da ação das mulheres para que elas se definam como sujeito.

Beauvoir exorta as mulheres à ação coletiva, uma luta que emancipará não apenas as mulheres, mas também os homens. Isso porque, na dialética de Beauvoir, a luta contra a opressão é a luta pelo reconhecimento mútuo.

*“O reconhecimento genuíno exige que admitamos nossa própria ambiguidade, a saber, a condição de sermos simultaneamente sujeito e objeto. Assim, a primeira luta não é com o Outro, mas com nós mesmos, uma luta contra o medo de nossa liberdade, o medo de abrir mão de uma relação segura com o mundo. Assumir nossa ambiguidade, portanto, implica*

---

<sup>41</sup> Cyfer, 2015, p.74

<sup>42</sup> Santos, 2010, p.7

*colocarmo-nos em risco. Esse é o primeiro passo para nos fazermos sujeitos.”<sup>43</sup>.*

A mulher deve persistir no reconhecimento de sua posição no mundo para entender como a diferença de gênero funciona como uma estrutura hierárquica nas relações sociais que exclui o feminino de tornar-se sujeito.

*“Libertar a mulher é recusar encerrá-la nas relações que mantém com o homem, mas não as negar; ainda que ela se ponha para si, não deixará de existir também para ele: reconhecendo-se mutuamente como sujeito, cada um permanecerá, entretanto um outro para o outro. É dentro de um mundo dado que cabe ao homem fazer triunfar o reino da liberdade; para alcançar essa suprema vitória é, entre outras coisas, necessário que, para além de suas diferenciações naturais, homens e mulheres afirmem sem equívoco sua fraternidade.”<sup>44</sup>*

Homens e mulheres devem se reconhecer mutuamente, projetar uma busca pela igualdade de acordo com suas subjetividades. Não há como romper com as normas de gênero para uma libertação, mas se afirmar como si mesmo, na consciência de si, na sua subjetividade mais própria, se lançando no mundo em busca da igualdade.

---

<sup>43</sup> Cyfer, 2015, p71

<sup>44</sup> Beauvoir, 1967, p.500

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BEAUVOIR, Simone de. **Moral da ambiguidade**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

\_\_\_\_\_. **O segundo sexo – Fatos e Mitos**. 4ª edição. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.

\_\_\_\_\_. **O segundo sexo – A Experiência Vivida**. 2ª edição. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

Cyfer, Ingrid. **Afinal, o que é uma mulher? Simone de Beauvoir e “a questão do sujeito” na teoria crítica feminista**. Lua Nova, v.94, p. 41-77, 2015.

Tribunal Superior Eleitoral. **Dados Eleitorais**. Disponível em: <http://www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas/repositorio-de-dados-eleitorais-1/repositorio-de-dados-eleitorais> Acessado em: 05/01/2018

NORBERTO, Marcelo da Silva. **O drama da ambiguidade a questão da moral em O ser e o nada**. 2014. 222f. Tese de Doutorado – Pontífice Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2014.

Ribeiro, Djamila. **Figurações do Outro**. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/simone-de-beauvoir-figuracoes-do-outro/>> Acessado em: 08/12/2017

Rodrigues, Carla. **Tornar-se mulher, devir feminista**. Disponível em:<<https://revistacult.uol.com.br/home/beauvoir-tornar-se-mulher-devir-feminista/>> Acessado em: 08/12/2017

SARTRE, Jean-Paul. **Existencialismo é humanismo**. Disponível em: <<https://projetoaletheia.files.wordpress.com/2014/08/existencialismo-c3a9-humanismo-sartre.pdf>> Acessado em: 08/05/2017.

Santos, Magda Guadalupe. **Beauvoir e os paradoxos do feminino**. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/beauvoir-e-os-paradoxos-do-feminino/>> Acessado em: 08/12/2017

\_\_\_\_\_. **Simone de Beauvoir: 'Não se nasce mulher, torna-se mulher'**. Sapere Aude: Revista de Filosofia, v. 1, p. 108-122, 2010.